

A NOVA REPÚBLICA DO CAPITAL E DO CAPITALISMO

PROF. GERÔNIMO WANDERLEY MACHADO

O Programa de Estabilidade Econômica da Nova República foi editado num momento de rearranjo das forças capitalistas no interior do Brasil e de crescimento de suas vantagens no contexto da articulação de seus interesses econômicos a nível internacional. A queda dos preços do petróleo e a retomada do crescimento das economias capitalistas na Europa e nos Estados Unidos comprovam isto. No Brasil, as "diferenças" e fricções entre os interesses do capital financeiro e especulativo e do capital produtivo da indústria e da agricultura, se arrastam há algum tempo. Neste momento, fevereiro de 1986, as finanças públicas estão razoavelmente saneadas: os bancos, as financeiras, as seguradoras, etc., acumulam altíssimos lucros nos últimos anos; a indústria, mantém excelente capacidade produtiva e cresce saudavelmente; do mesmo modo, o grande comércio e a agricultura latifundiária. Isto é, todas as condições estavam dadas para que o capital produtor de mercadorias, com a edição do programa econômico da Nova República, saísse levando vantagem. São indícios imediatos disto a retração do mercado especulativo de papéis do Governo e a boa performance dos negócios com ações de empresas nas Bolsas de Valores.

Não paira nenhuma dúvida, no entanto, sobre o fato de que é o grande capital monopolista e o oligopolizado, entre todos os capitalistas: na agricultura (latifundiários), na indústria, nas minas, no comércio, nos bancos, nos seguros, etc., que saíra ganhando com o plano cruzado. O grande capital tem sido ágil e forte o suficiente para administrar, a seu favor, os preços, para comprimir os salários e aumentar a extração da mais valia,, em termos absolutos e relativos, aproveitando, muito bem, os avanços científicos e tecnológicos.

Os pequenos capitais são anões em tudo e como a classe trabalhadora, apenas criam e/ou intermediam o processo de transferência de rendas para o capital monopolizado.

Os novos gerentes da economia brasileira, na Nova República, dão, todavia, um salto de qualidade, tentam civilizar esta extração da mais valia a favor do grande capital, gerindo a política econômica com maior proveito para o capital "mais eficiente". Abrem, assim, pequenas brechas, fazem algumas concessões, para os segmentos sociais e as categorias de trabalhadores mais organizados, mais combativos e mais resistentes à voracidade capitalista. Isto é: é possível que com a Nova República o capital esteja se civilizando e dando mais alguns passos na direção da social-democracia brasileira.

Os pequenos capitalistas ganharão pequenamente e os trabalhadores, menos organizados ou totalmente desorganizados, talvez continuem tendo muito pouco a ganhar, seu futuro depende de sua capacidade de organização e de luta.

A burguesia convive e admite novos administradores portadores de alguma ousadia, capazes de realizarem um salto de qualidade, um salto civilizatório, mantendo as condições básicas de extração da mais valia dentro dos limites adequados. Com isto, obtendo altas taxas de lucro e de acumulação de capital, dentro dos limites que a economia brasileira como um todo admite. A velha política da transferência brutal de rendas, de todos os trabalhadores e de todos os pequenos capitais, para as privadas e poucas mãos monopolistas, assume agora, ares de boa educação e dedicação.

Finalmente, o bolo brasileiro cozinhou e cresceu mas se concentrou muito a sua distribuição. Repetiram-se estas operações e num dado momento abriu-se o forno e sobre o bolo caiu uma tempestade que o fez inchar. Neste momento os grandes bancos, com seu capital financeiro e especulativo, giraram a dança na dança pelas maiores fatias de apropriação do excedente econômico ou do mais-produto, ou ainda, da mais valia, já produzida, realizada e em circulação, como dinheiro e renda, sujeita à apropriação do capital especulativo. Com isto, foi-se gernado e veiculando a inflação descontrolada, como meio privilegiado de o capital bancário se apropriar de cada vez maiores fatias desta renda em circulação. Era preciso, então, que a inflação fosse cada vez mais alta, para beneficiar os mais fortes que,

por isto, deixavam de produzir excedentes econômicos, em mercadorias.

O pequeno excedente produzido foi apropriado pelos grandes monopólios especulativos. Quase todos os capitais deixavam de acumular, por algum tempo, capital produtivo. Este, subiu e se deslocou da esfera da produção, passando à condição de capital especulativo, aplicado nos papéis inflacionários do mercado financeiro, onde era disputada a maior porção da mais valia convertida em renda, subsidiada por parcela significativa do excedente econômico apropriado pelo governo, como tributos, e injetado no mercado financeiro, por via das ORTNs, do orçamento monetário, do déficit público, etc. Surgiu, assim, o conhecido lucro sem trabalho, segundo as palavras do capitalista Ermírio de Moraes.

Agora, o plano cruzado da Nova República impões a todos os capitais: produzam mercadorias, façam como os co-irmãos da Europa, do Japão e dos E.U.A., senão, não teremos mais a alma e a arma do capital, a mais valia, e daí, para onde irá o nosso capitalismo? Sem excedentes reais apropriáveis e sem acumulação material efetiva o capitalismo se enfraquecerá!